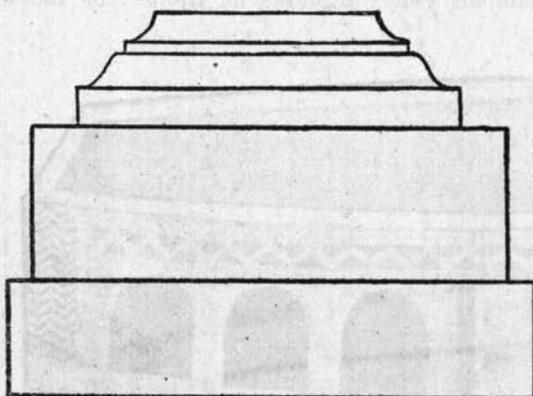


## Sepultura de Galla

Como se disse n-*O Arch. Port.*, I, 221, o Museu Etnológico explorou, em 1895, no areal de Troia de Setubal, uma sepultura romana em que apareceram varios objectos. Nesta sepultura havia



Escala 1:20

Fig. 1

uma inscrição, publicada *ibidem*, pp. 55-56, e nas *Religiões*, III, 370, da qual inscrição consta que a pessoa sepultada era mulher, falecida de 35 anos (*Galla*), e que fôra seu desditoso marido (*Hypnus*) quem lhe dedicára o monumento. Tanto a lápide, em que se gravou a inscrição, como os objectos apparecidos, vieram para o Museu por generosa

dadiva do proprietario do areal, o S.<sup>or</sup> Francisco Cabral de Aquino Mascarenhas, de Setubal, hoje falecido.

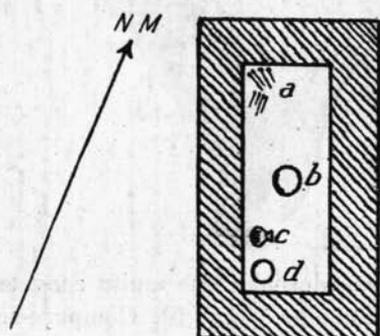
A exploração foi dirigida por mim e pelo S.<sup>or</sup> Maximiano Apolinario, que ao tempo exercia no Museu Etnológico as funções de Adjunto.

A lápide assentava num sóco (fig. 1) que pousava sôbre a sepultura (fig. 2), e tinha por cima uma lage quadrangular, como chapeu (vid. *Religiões*, III, fig. 157). Do relatório que o S.<sup>or</sup> Apolinario me apresentou, extráio o seguinte, em resumo: «As duas pedras que constituem a parte inferior do sóco parece que antes formavam um alicerce, e que deviam por isso ficar enterradas. Esta base assentava num massame de alvenaria, sob o qual ficava a sepultura. O recinto da sepultura era fechado por paredes de alvenaria de teijolo, e o pavimento ladrilhado. A cobertura formavam-na pedras irregulares, ligadas por argamassa. Dimensões interiores da sepultura: comprimento 1<sup>m</sup>,20; largura 0<sup>m</sup>,45. Na planta (fig. 2) vai indicada a disposição em que se encontravam alguns dos varios objectos que compunham o espolio funebre: em *a*, alfinetes de cabelo, e af juntos

tambem fragmentos de cranio; em *b* uma urna; em *c* um *Pecten* (concha) grande; em *d* uma taça de cobre».

O que chamamos sepultura era propriamente um depósito de ossos queimados e outros indemnes de lume, o que mostra que se praticára o rito de incineração, mas incompleta. Com os fragmentos osseos coexistiam pedaços de unguentarios de vidro, em parte calcinados, e reduzidos a massa, e de pregos de ferro muito oxidados. Os ossos e cinzas, que depois da cremação de um cadaver costumavam

### Planta



Escala 1:40

Fig. 2

ser escolhidos (*ossilegium*) e metidos numa *olla* ou urna, que se depositava num cofre (*ossarium* ou *cinerarium*), pa-



Fig. 3

rece que foram neste caso colocados dentro de uma caixa de madeira, como se infere dos pregos.

Dos objectos que se colheram na exploração, e que foram trazidos para o Museu, falta agora a taça de bronze: ou está deslocada, ou se extraviou com as mudanças d'aquelle. Os restantes vou aqui descrevê-los sumariamente.

#### a) Objectos de barro:

—Uma urna, ou antes, *poculum*, de duas asas: altura do objecto 0<sup>m</sup>,090. No Museu ha outros *pocula* de barro, do Alentejo e Algarve, semelhantes, mas nenhum talvez igual a este. (Fig. 3).

—Lucerna de bico redondo, e desprovida de asa. No anverso divisa-se uma figura de homem meio derribada no chão, e outra de pé junto d'ela, com falha da perna esquerda: representam, como parece, o resultado de uma luta. (Fig. 4). Cf. as lucernas do Museu Britanico com combates de gladiadores: *Catalogue*, by Walters, Londres, p. 234 (s. v. «gladiator»), est. XIX. Por baixo dos combatentes está estendida uma arvore. Cf. arvore semelhante numa lucerna do Museu Britanico: *Lamps*, n.º 1117, p. 169.

— Outra lucerna, do mesmo aspecto externo, senão que é mais grosseira. No anverso ha duas hastes verticais, uma de cada lado



Fig. 4



Fig. 5

do orifício: parecem tochas (lat. *fascēs*), desenho que muito convem a uma lucerna, que se destinava a alumiar. (Fig. 5). Compare-se o desenho de uma *fax*, que vem em Rich, *Dict. des antiquités*, p. 256, e outro no *Dict. des antiquités de Daremberg & Saglio*, s. v. «*fax*», p. 1029.

b) Objectos de metal:

— Um prego de ferro, que vai desenhado na fig. 6, e fragmentos de outros. Suponho que eles seriam para pregar as tábuas de grossa urna de madeira, ou cofre, em que, segundo já disse, os restos de Galla deviam ter sido depositados. Acêrca de pregos grandes que pregavam *caixões* propriamente ditos (para cadaveres), vid. o *Arch. Port.*, II, 71, nota (Santos Rocha). As dimensões da sépultura (vid. supra) permitem admitir que o cofre era grande.



Fig. 7

— Uma haste curva, de bronze (fig. 7), que servia de ferrolho do cofre: a parte superior, formada de um gancho duplo, fixava-se na tampa, o resto caía adiante da face anterior do cofre, onde um travessão que passasse no orifício inferior o segurava em baixo. Quasi igual a este objecto, e absolutamente do mesmo tipo, appareceu outro no Algarve, que está agora no Museu Etnologico (n.º 14:870 do inventario).

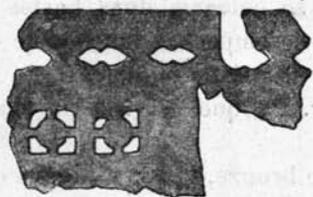


Fig. 9



Fig. 8



Fig. 10

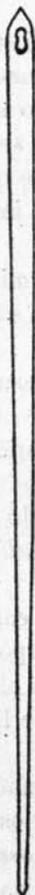


Fig. 14



Fig. 15



Fig. 6

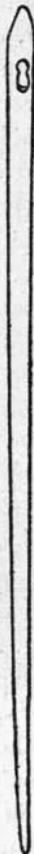


Fig. 11



Fig. 12

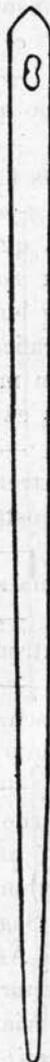


Fig. 13

— Uma argola de bronze em que se enlaçam duas hastes da mesma substancia, a qual argola podia desempenhar funções de dobradiça (fig. 8), e certamente pertencia ao caixão ou cofre.

— Uma laminazinha de bronze (fig. 9), que serviria de chapa ornamental do mesmo cofre.

— Dois objectos, ou *acus crinales*, de bronze, iguais a alguns que se descrevem no § c), de osso. Vai desenhado na fig. 10 o melhor conservado.

c) Objectos de osso:

— Treze objectos finos, e quatro fragmentos de outros, tudo do tipo que os Romanos chamavam *acus*. Propriamente:

— Seis agulhas, de buraco comprido, — representam-se quatro nas figs. 11 a 14.

— Duas hastes, afiladas dos dois lados, e semelhantes ou iguais ás que hoje se usam, de osso, de pau, de metal, chamadas *moldes* ou *malheiros*, e servem para marcar as malhas, quando se faz rede de bordar: vão representadas nas figs. 15 e 16. — Na secção etnografica do Museu Etnologico (industrias femininas) pode o leitor ver um malheiro moderno de osso: e assim se convencerá inteiramente da exactidão da comparação que estabeleci.

— Dois alfinetes de cabelo, ou *acus crinales*, que terminam numa extremidade em ponta, e vão engrossando desde aí até á extremidade oposta: representam-se nas figs. 17 e 18.

— Outro alfinete, analogo aos precedentes mas terminado em uma seta na extremidade oposta á ponta. (Fig. 19).

— Outro igual ao antecedente na seta, mas quebrado na outra extremidade. (Fig. 20).

— Um objecto, afilado de um lado, e terminado do outro em disco, a modo de espátula; talvez tambem *acus crinalis*, embora muito fino: vai desenhado na fig. 21.

— Uma faquinha, que tem o aspecto geral de um canivete moderno; o cabo termina em argola, e a folha faz corpo com ele, e é muito afiada. (Fig. 22). Assemelha-se bastante a um objecto que, embora metalico, se representa no *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, s. v. «culter», p. 1583, fig. 2104.

Assim como nós hoje nos servimos de facas de madeira para cortar a marmelada ou pôr manteiga em fatias de pão, os Romanos serviam-se de facas de osso para partir fruta (*cultri ossei, cultelli ossei: ob. cit.*, p. 1587), e ainda lhes davam outras applicações; mas na sepultura de Galla, com quanto aí apparecessem, como vimos, vasilhas relacionadas com a alimentação, talvez este *culter osseus*,

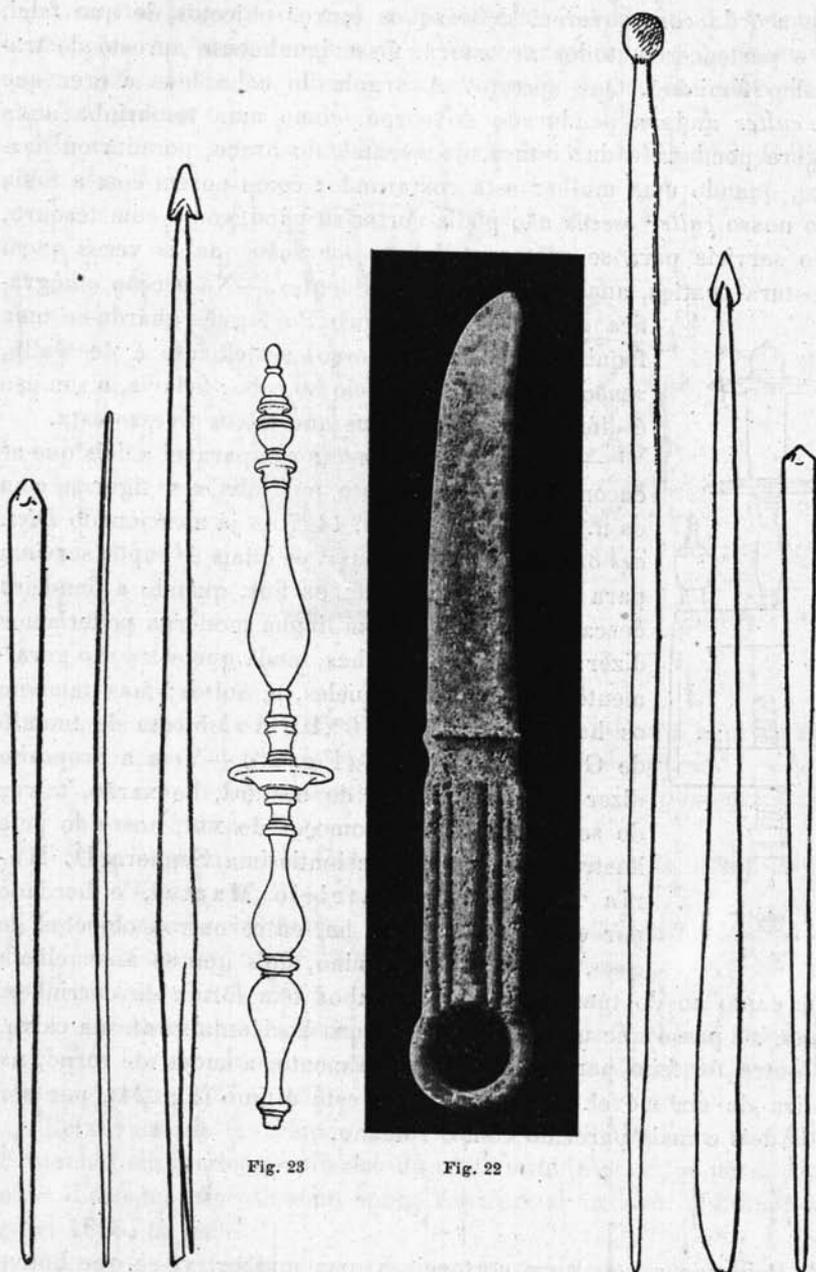


Fig. 23

Fig. 22

Fig. 17 Fig. 16 Fig. 20

Fig. 21 Fig. 19 Fig. 18

de acôrdo com o serem de osso os outros objectos de que falei, e o pertencerem todos a costura, fosse igualmente apresto de trabalho feminino. Que apresto? A argola do cabo leva a crer que o *culter* andava pendurado do corpo, como uma tesourinha anda agora pendurada da cintura, do avental, do braço, por fita ou nastro, quando uma mulher está costurando: como porém com a folha do nosso *culter osseus* não podia cortar-se pano, como com tesoura, ele serviria para se cortarem linhas, operação que ás vezes quem costura pratica, analogamente, com os dentes. — Na secção etnografica do Museu Etnologico Português guarda-se uma faquinha moderna de osso, semelhante á de Galla, senão que não tem orificio no cabo: todavia, o seu uso é diferente do que supus que talvez tivesse esta.



Fig. 24

— Objecto perfeitamente comparavel a dois que se encontraram em Preneste, na Italia, e se figuram com os n.ºs 3391 e 3392 a p. 1427 do já mencionado *Dict. des antiquités*, s. v. «fusis», os quais se supõe serviam para neles se enrolarem os fios, quando a fiandeira descarregava o fuso. Em lingua moderna poderíamos dizer: *carrinhos* das linhas, ainda que estes são geralmente menores que aqueles, e, soltos; mas tambem os ha do tamanho de 0<sup>m</sup>,10. Ao objecto do tumulo de Galla falta a base. (Fig. 23). — Vem a proposito dizer que numa caixa de costura, de xarão, talvez do sec. XVIII ou dos começos do XIX, possuido pela illustre escritora a Excelentissima Senhora D. Maria Magdalena Patricio Martel, e herdada por ela de seus avós, ha, entre outros objectos de osso, de trabalho feminino, dois que se assemelham

um tanto ao do tumulo de Galla: ambos têm fôrma de carrinhos, mas, ao passo que um d'elles está seguro horizontalmente na caixa, o outro foi feito para se fixar verticalmente, a modo de tórno, na beira de um móvel. Reproduzo aqui este último (fig. 24), por ser dos dois o mais parecido com o romano.

\*

Pois que a sepultura pertencia a uma mulher, vê-se que houve cuidado de colocar junto dos restos d'esta os objectos que ela utilizára no mundo, ou objectos semelhantes. Na vida tumular ou ultra-terrestre iria continuar trabalhos já começados na vida real, ou

executar trabalhos novos. Seu marido *Hypnus*, obedecendo a crenças enraizadas na alma romana, e a ritos antiquíssimos, manifestava assim, com dedicação, affectos ternos que a esposa lhe merecera.

d) Concha:

Já acima me referi a um *Pecten* aparecido na sepultura de Galla.

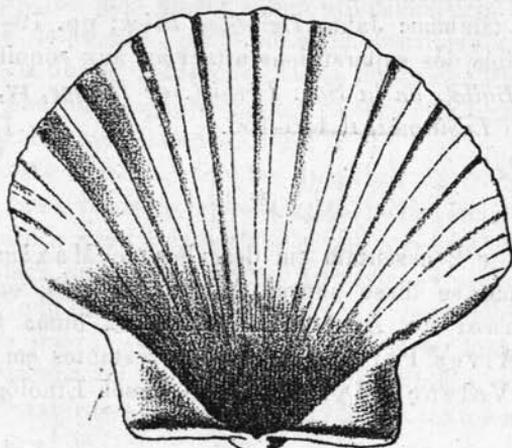


Fig. 25

Vai representado na fig. 25. Como comparação, indicarei aqui alguns casos de aparecimento de conchas em sepulturas antigas:

em sepulturas punicas: Delattre, *Les tombeaux puniques*, Lião de França 1890, p. 46;

em sepulturas de Carmona: apud *Boletín de la Acad. de la Hist.*, xxxi, 274, nota 2;

em muitas sepulturas cristãs dos principios da idade-média: Martigny, *Dict. des antiquités chrétiennes*, s. v. «coquillage»;

em sepulturas merovingeas dos arredores de Genebra: Deonna, *Les croyances*, no *Bulletin de l'Institut National Genevois*, xlii, 225, p. 462.

Relativamente a tempos modernos diz Sébillot que na Alta Bretanha, em muitos cemiterios da costa e do interior, se vêem conchas dispostas crucialmente sobre sepulturas: in *Rev. d'Ethnographie*, 1886, p. 509.

Nem todos estes usos de conchas terão uma mesma significação: Martigny vê nas que apareceram em tumulos cristãos simbolos da ressurreição; Deonna chama profilaecticas ás das sepulturas merovingeas, dotadas pois de virtude analogia ás de muitos colares de con-

chas; tambem E. Labatut, no *Dict. des antiquités* de Deremberg & Saglio, s. v. «amuletum», p. 256, diz que os Romanos tinham amuletos de conchas do genero *Pecten*, por serem emblemas dos orgãos femininos. Ainda hoje se usam na Italia conchas como amuletos contra o mau olhado: Belluci, *Exposição de Paris*, p. 280. Acêrca de conchas nas superstições vem muitas noticias no citado artigo de Sébillot. Vid. tambem: Jahn, *Der böse Blick*, pp. 79-80; A. Guébard «Antiquités des superstitions attachées aux coquilles fossiles», separata do *Bullet. de la Soc. Préhist. de France*, iv, 258 (1907); e *Religiões da Lusitania*, I, 146-150.

\*

As figs. 1 e 2 assentam em desenhos de Maximiano Apolinario, como se disse supra. As figs. 4 e 5, em fotografias do S.<sup>or</sup> Manuel de Andrade. A fig. 22 numa fotografia do D.<sup>or</sup> Felix Alves Pereira. Todas as restantes em desenhos de Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnológico.

J. L. DE V.

### Achegas para um vocabulário de indumentária arcaica

Constou ao meu prezado confrade D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos que eu coligira um certo número de fichas relativas a indumentária antiga. De feito, assim era. Para meu uso pessoal, sem idea de publicação, respigara nas minhas leituras, sobretudo de quatrocentistas e quinhentistas, uma porção de citações, em verbetes discriminados pela matéria a que se referiam: terminologia geral, indumentária, náutica, armaria, toponimia, etc. E os mais abundantes e curiosos eram realmente os de indumentária. Por sinal há anos, nos ocorrera, a mim e ao meu amigo Júlio Dantas, juntá-los aos muitos que êle possuía, completar com a exegese dos termos as citações que os autorizavam, e organizar assim uma espécie de inventário, assaz copioso, do guarda-roupa dos nossos maiores. As nossas occupações não nos permitiram realizar êsse plano ambicioso. E os meus verbetes repousavam tranqüilamente numa caixa de papelão, ao fundo duma gaveta, quando o D.<sup>or</sup> Leite me surpreendeu com o pedido da sua publicação. Embora lhe objectasse com o pouco valor que